

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO VERBO ‘DAR’

Um estudo à luz da T.O.P.E

Lafity dos Santos Alves¹

Maria Auxiliadora Ferreira Lima²

RESUMO

Este trabalho faz uso dos pressupostos teóricos de Culioli (1985; 1990). A T.O.P.E. fundamenta-se em uma análise da enunciação, uma vez que apresenta como objeto de estudo o enunciado. Nesse campo de estudo, o enunciado é o resultado da construção e da reformulação de formas linguísticas nos cotextos em que as marcas linguísticas são analisadas. Partindo dessa concepção de enunciado, o objetivo desta pesquisa é investigar a função enunciativa do verbo ‘dar’. Para tanto, observamos como este verbo participa da construção da significação dos enunciados, uma vez que a abordagem construtivista diz respeito à questão do sentido ser construído no/pelo enunciado. Ou seja, o sentido não nos é dado de forma prévia. Diante da análise das ocorrências do verbo “dar”, podemos dizer que o valor desse verbo não é algo fixo, uma vez que esse verbo assume valores diferentes quando analisados no campo interno de um texto/enunciado.

Palavras-chave: T.O.P.E; Enunciado; Valor; Formas linguísticas; Verbo “dar”.

ABSTRACT

This work makes use of the theoretical assumptions of Culioli (1985; 1990). T.O.P.E. it is based on an analysis of the statement, since it presents the statement as an object of study. In this field of study, the statement is the result of the construction and reformulation of linguistic forms in the contexts in which linguistic marks are analyzed. Starting from this conception of utterance, the objective of this research is to investigate the enunciative function of the verb ‘to give’. Therefore, we observe how this verb participates in the construction of the meaning of utterances, since the constructivist approach concerns the question of the meaning to be constructed in / by the utterance. In other words, the meaning is not given to us in advance. In view of the analysis of the occurrences of the verb “to give”, we can say that the value of this verb is not something fixed, since this verb assumes different values when analyzed in the internal field of a text/statement.

Keywords: T.O.P.E; Statement; Value; Linguistic forms; Verb “to give”.

1 Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI e doutoranda em Linguística, também, no mesmo programa em que realizou o mestrado. Professora de Leitura e Análise Linguística do Instituto Dom Barreto.

2 Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e Pós-Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). É professora do PPGeL (UFPI).

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o nosso papel é investigar a função enunciativa do verbo 'dar'. Para isso, observamos como este verbo participa da construção da significação dos enunciados. Para tanto, fundamentamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (T.O.P.E.) - de A. Culioli. A opção por essa teoria dá-se em função de ela centrar-se na articulação de valores, bem como no processo de construção de representação das marcas de linguagem. Isso significa dizer que a significação em uma língua decorre da construção e da reconstrução que se evidencia nos enunciados. Ou seja: o próprio enunciado é o resultado de uma construção de significação.

Desse modo, o valor de uma expressão dentro de uma língua só é possível a partir das noções situadas internamente nos cotextos. Portanto, o valor que atribuímos a uma expressão não é estável, já que não podemos instituir/atribuir uma significação fixa às expressões de uma língua, como as gramáticas tradicionais recorrentemente agem, pois o valor é construído no enunciado. Dito de outra maneira: pautar-se em uma semântica construtivista significa estudar o sentido das ocorrências de uma determinada expressão em uma dada língua. Dito de outra maneira: a abordagem construtivista diz respeito à questão do sentido ser construído no/pelo enunciado. Assim, nesse tipo de abordagem, não se considera o sentido prévio, preestabelecido.

A fim de organizarmos este trabalho, estruturamos o artigo desta maneira: inicialmente, colocamos os procedimentos adotados para análise das ocorrências da unidade linguística pesquisada. Em seguida, apresentamos os pressupostos teóricos nos quais nos ancoramos para a discussão dos dados encontrados. Seguimos com a análise das ocorrências do verbo e finalizamos com algumas considerações acerca do objeto analisado.

2 TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS (T.O.P.E.)

2.1 Língua e linguagem

A diversidade existente nas mais diversas línguas é um aspecto ativador de manifestação da linguagem, por isso a relação de dependência entre o domínio da língua e o domínio da linguagem se faz relevante no processo de reconhecimento das operações de representação de uma dada língua. De um lado, a linguagem concebe ao falante de uma língua a ativação de reconhecimento, de produção e de reconstrução de enunciado. Por outro lado, temos a língua como um sistema de representação de significados que são construídos dentro de um

dado cotexto (CULIOLI, 1990). Ao defender essa articulação entre esses dois domínios, Culioli defende a tese de que a Linguística é tanto uma ciência da língua como da linguagem, tendo em vista que “a linguística tem por objeto a atividade da linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais e escritos)” (CULIOLI, 1990, p. 14).

A relação entre esses dois domínios decorre, segundo Culioli, do fato de que o funcionamento da linguagem só se fazer possível diante de configurações e de agenciamentos de marcas linguísticas específicas em uma dada língua. Sob a ótica da T.O.P.E., a relação entre língua e linguagem é uma forma de apreensão do funcionamento global da linguagem.

2.2 Sobre o enunciado, cotexto e contexto

Com base nos pressupostos teóricos de Culioli, a noção de T.O.P.E. fundamenta-se em uma análise da enunciação, tendo em vista que o objeto de análise é o enunciado. Conquanto, cabe lembrar que o enunciado conforme postula Culioli não assume uma configuração de enunciado como formulado por Benveniste (1989). Na T.O.P.E., o enunciado não é concebido como um ato individual e, sim, como o resultado da construção e da reformulação de formas linguísticas nos cotextos em que as marcas são analisadas.

Conforme Franckel e Paillard (2011, p. 88), o enunciado deve ser compreendido como uma organização das formas linguísticas. E é a partir dos mecanismos que constituem os cotextos que podemos analisar um quadro representativo e formalizável das operações marcadas no enunciado. Visto dessa maneira, o enunciado pode ser concebido como um agenciamento de marcas linguísticas. Essas formas atuam como uma materialização dos fenômenos mentais aos quais não temos como ter um acesso concreto e imediato, por isso as marcas são uma espécie de “pegadas” da atividade linguística pelas quais reconhecemos, construímos e reformulamos as operações internamente em uma língua.

Partindo dessa lógica, o enunciado é resultante do processo da enunciação. Cabe salientar que o papel de um linguista não é algo que se restringe somente a analisar as marcas do enunciado, é mais do que isso: é verificar as operações que resultam na construção de um dado enunciado, pois é através das operações que conseguimos vislumbrar um pouco da dimensão da linguagem (LIMA, 1997). Franckel (2011) aponta que

A justificativa pelo termo “operação” deve-se justamente à hipótese de que o valor referencial do enunciado não é um dado, mas algo construído. Isso significa que o arranjo de formas que o materializa remete, não a valores, mas às operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, portanto, estudar as modalidades de constituição desse valor (FRANCKEL, 2011, p.44)

Diante disso, o sentido origina-se do material verbal, já que não se encontra o sentido do enunciado no extralinguístico. Dito de outra maneira: o contexto não é externo ao enunciado, tendo em vista que o cenário é produzido pelo próprio enunciado. Assim, o sentido de uma expressão corresponde à construção de valores que são, por sua vez, constituídos a partir das ocorrências nocionais possíveis em uma língua.

As ocorrências decorrem da relação com as noções que elas instanciam. Ou seja, decorre da relação que há entre a noção de uma forma linguística e as significações decorrentes de suas ocorrências. Assim, o valor é concebido como um jogo entre as diversas significações da mesma forma linguística e o que se estabiliza no ato da enunciação em uma língua (VOGUÉ, 2000).

Em seu texto sobre situação, contexto e valor referencial (situation, contexte, valeur référentielle), Franckel (2006) aponta o enunciado como algo interpretável pela estabilização de um de seus possíveis contextos. Para o autor, a situação, o contexto (cenário) são, ao mesmo tempo, da ordem do dado e do construído.

Visto dessa maneira, uma mesma sequência linguística poderá ter contextos diferentes e possíveis. Como aponta Lima (2013) em seu trabalho. Vejamos a sequência em que o adjetivo ‘bom’, estudado pela pesquisadora, nos possibilita vislumbrar o que afirmamos nesse parágrafo:

“O bolo está bom”

- (1) Uma situação em que A faz uma apreciação sobre a qualidade de um bolo provado;
- (2) Uma situação em que A examina um bolo que está sendo assado e confere que já está no ponto;
- (3) Uma situação em que A diz que um bolo está estragado por ser de dias atrás.

Fonte: Lima (2013, p. 47)

Na sequência “O bolo está bom”, a autora detectou pelo menos três (3) contextos possíveis que resultam, conseqüentemente, em três enunciados distintos. Esse exemplo aponta que uma mesma sequência linguística, em virtude do cenário, estabiliza enunciados distintos, o que resulta na construção de sentidos distintos da ocorrência do adjetivo bom analisado pela pesquisadora.

Visto dessa forma, “... contexto é ele mesmo variável, mas de forma não aleatória, ele é restrito pela unidade que faz parte do cotexto, absolutamente como o cenário é restrito pela forma do enunciado na qual se inscreve” (FRANCKEL, 2006, p. 65).

Portanto, o cotexto pode ser concebido como uma sequência linguística que pode vir a ser um enunciado, e o contexto são os cenários construídos a partir da organização de uma sequência de elementos linguísticos que se estabilizam durante a enunciação.

2.3 Os níveis do enunciado

No que diz respeito ao aspecto da produção, o enunciado hierarquiza-se em três níveis (que estão imbricados entre si) quais sejam: nível 1 (onde as nossas representações mentais estão situadas e é nesse nível que instauramos nossas representações da realidade, para isso ativamos nossa atividade de língua); nível 2 (nível do texto, onde temos acesso às representações que fazemos da realidade). Como defende Culioli:

Não temos acesso ao nível 1, e não há uma relação de homogeneidade, de co-extensividade, de instantaneidade entre o nível 1 e o nível 2, isso quer dizer que eu não posso remontar do nível 2 ao nível 1. O nível 2 me permite de forma unívoca ter uma melhor representação do que seja o nível 1 (CULIOLI, 1985, p. 6 – Tradução nossa)

Assim, o nível 2 é onde se estabelece uma melhor representação da realidade que imaginamos, que criamos no nível 1. Então, quando ativamos o uso da língua através de nossas falas viabilizamos uma representação de como seria a representação da realizada imaginada no nível 1. No entanto, essa atividade ocorre de forma hierárquica do nível 1 para o nível 2, já que não podemos fazer o processo do nível 2 para o nível 1, como advoga Culioli na citação acima.

Além desses dois níveis, temos ainda o nível 3. Segundo Culioli, esse é o nível das representações metalinguísticas. Podemos afirmar que é esse o nível em que há uma formalização das análises realizadas por um linguista, tendo em vista que, durante o estudo das ocorrências, o linguista passa a ter uma visão mais “concreta” do processo linguístico. E essa visão é respaldada via formas do enunciado. Desse modo, concordamos com Romero (2010) de que, em uma língua, não haja um marcador que não traga consigo um rastro de sua gênese constitutiva, já que é através desse rastro que se busca os mecanismos de funcionamentos enunciativos. Visto dessa

maneira, concordamos com a ideia de que “o metalinguístico corresponde a uma tentativa de formalizar o que é, por natureza, não formalizável, inacessível” (ROMERO, 2011, p. 155).

3 FORMA ESQUEMÁTICA

Na esteira de Culioli, Franckel (2006) defende Formas Esquemáticas como configurações operatórias que nos permitem determinar as modalidades linguísticas no ambiente textual a partir das ocorrências observadas em uma língua. Estudar as Formas Esquemáticas não significa dizer que se está em busca de uma identificação de uma base, de um núcleo estável, no sentido de que essas formas correspondam a zonas imutáveis de sentido, já que é impossível considerarmos a variação de sentido a partir de um material que fosse imutável, conforme advoga Culioli (1990, p. 130): “Os fenômenos linguísticos formam sistemas dinâmicos que são regulares, mas com uma margem de variação devido a uma grande diversidade de fatores é que estamos lidando com fenômenos que são estáveis e plásticos”. Dito de outra maneira: Em uma língua, temos a estabilidade e a instabilidade, assim podemos dizer que o sentido circula, é plástico, é dinâmico, porém o sentido ganha estabilidade em um dado contexto. Em síntese, os fenômenos linguísticos são dinâmicos, i.é, tudo na língua pode passar pelo princípio da deformabilidade. Vejamos:

A Forma Esquemática traz a representação metalinguística associada, por construção, a uma forma empírica. Essa Forma Esquemática nos fornece, portanto, uma configuração abstrata que, segundo as transformações a qual é submetida, vão modificar sua forma, seu valor, a latitude de sua co-ocorrência (CUIOLI, 1990, p. 130 – Tradução nossa)

O conceito de Forma Esquemática consiste em uma forma de abstração que nos ajudam a definir a partir de ocorrências de uma expressão em uma língua, uma base de significação que é comum a todos os observáveis. Nessa esteira, essa representação abstrata é uma manifestação de que as unidades da língua são esquemas organizados que convocam o contexto, tendo em vista que as unidades linguísticas são passíveis de estabilizações diversas no ambiente textual.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizarmos os procedimentos de análise das ocorrências do verbo “DAR”, partimos da Teoria das Operações Enunciativas. Inicialmente, buscamos ver os sentidos dicionarizados

(no Michaelis e no Houaiss) da forma “DAR” na língua portuguesa e como se dá a abordagem dos estudos sobre essa unidade linguística em algumas gramáticas normativas de nossa língua. Posteriormente, buscamos, no GOOGLE, ocorrências da unidade linguística em estudo para averiguarmos se teríamos novas ocorrências para o verbo DAR em nossa língua. Em seguida, fizemos uma comparação entre os enunciados em que apareciam o verbo pesquisado para estudarmos a construção e a reconstrução da unidade linguística em questão.

Analisamos as ocorrências do verbo observando a sequência linguística que estrutura a organização das unidades dos enunciados analisados. Para isso, procuramos trabalhar com os valores referenciais que se estabilizam no ambiente textual.

Feito isso, fizemos uma análise das ocorrências da unidade ‘DAR’ para elaborarmos uma Forma Esquemática hipotética da forma linguística estudada.

A escolha pelo verbo “DAR” se deu pelo fato de essa unidade ser usada recorrentemente em nossa língua. Além disso, a quantidade de acepções para esse verbo é muito grande, mas, ainda assim, vimos casos em que o sentido de “dar”, em algumas das ocorrências observadas, não se fazia presente nos dicionários e gramáticas do português.

5 O VERBO “DAR” NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

O verbo dar é apresentado nas gramáticas tradicionais como verbo irregular de primeira conjugação. Segundo Cunha e Cintra (2016), “são irregulares os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação”. Cegalla (2009), quanto à predicação, classifica-o como transitivo direto e indireto, isto é: um verbo que se usa com dois objetos (um objeto direto e um objeto indireto). Numa análise tradicional, uma oração com o verbo dar seria assim analisada:

No verão, a senhora Marta dava *muita água aos moradores de rua*.

O argumento “muita água” é classificado pela gramática tradicional como OD (OBJETO DIRETO), e o argumento “aos moradores de rua” como OI (OBJETO INDIRETO). No entanto, essa análise dá conta somente das relações sintáticas, i.é, dá conta somente das relações internas entre os termos que constituem uma oração no que diz respeito tanto da posição como da concordância entre os elementos linguísticos que configuram um enunciado.

Conquanto, a relação entre verbo e complemento é apresentada de modo que se leve em consideração apenas a sintaxe, deixando de lado a significação que a unidade “DAR” assume dentro dos cotextos.

6 AS ACEPÇÕES DA FORMA LINGUÍSTICA DAR EM DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As acepções dicionarizadas são postas como valores dados, fixos, o que contraria a visão de construção e de reconstrução de sentido conforme advoga a T.O.P.E.

Os dicionários pesquisados (Michaelis e Houaiss) não levam em consideração o fato de que novos sentidos podem ser atribuídos a uma dada unidade linguística. E não trabalham com a ideia de que uma dada unidade somente tem ganho de sentido no campo interno do ambiente textual. Por isso, trabalhamos, aqui, com a ideia defendida pelos estudos elucidados pela T.O.P.E.

7 O VERBO “DAR” À LUZ DA T.O.P.E.

O sentido dado ao verbo DAR não pode ser concebido como algo fixo, tendo em vista que, a depender de um dado contexto, poderemos ver novas significações para uma dada expressão. Vejamos esta ocorrência:

(A) “O médico deu a receita” (GOOGLE)

A ocorrência (A) apresenta dois possíveis cenários, quais sejam:

- (1) Uma situação em que uma paciente esteja em um consultório médico e que, após a análise das condições físicas dessa paciente, o médico faz a prescrição do medicamento a qual será utilizada pelo cliente;
- (2) Uma situação em que uma pessoa esteja precisando de uma nova via de uma receita pelo fato de tê-la perdido. A paciente - necessitando da medicação prescrita - pede uma nova receita, a qual será repassada pelo médico ao cliente.

Essas duas situações, criadas a partir do contexto do enunciado analisado, apontam que o valor de uma expressão não nos é dado a priori, é construído dentro do ambiente textual. Na ocorrência (A), temos aparentemente um mesmo enunciado, mas como o valor atribuído ao verbo “dar” não é fixo e, sim, mutável, o contexto possibilitou a construção de mais de um sentido à forma analisada em questão, tendo em vista os cenários criados a partir do contexto analisado. Analisemos esta outra ocorrência:

(B) A fonte dá muita água. (GOOGLE)

Assim como em (A), no enunciado (B), é possível vermos duas possíveis realidades, quais sejam:

- (3) Um cenário em que uma dada fonte é um monumento de paisagismo em um dado espaço. E alguém que vê uma grande quantidade de água jorrando no monumento diz: “Esta fonte contém muita água”;
- (4) Um cenário em que alguém que esteja diante de uma fonte natural de onde surge água, alguém afirma: Desta fonte, brota-se muita água.

As ocorrências (3) e (4) apresentam sentidos diferentes para uma mesma forma linguística, o que comprova nossas discussões sobre o fato de o sentido ser o resultado de um processo de construção.

Os exemplos analisados demonstram que um enunciado com uma mesma sequência linguística, em função do cenário, estabiliza o sentido da ocorrência do verbo ‘dar’ em enunciados distintos. Assim, o sentido do verbo torna-se estável em função do cenário construído a partir do cotexto analisado. Dessa forma, o enunciado, segundo Frankel (2006), é uma sequência que se torna interpretável pela estabilização de um de seus contextos possíveis, sendo estes desencadeados a partir da sequência. Essa visão de polissemia não equivale, cabe lembrar, àquela que estamos habituados a ver, qual seja: de que uma palavra assume vários sentidos, já que o sentido de uma palavra é construído em uma sequência linguística que se dá em dado ambiente textual.

Vejamos a forma “dar” em outro ambiente textual:

(C) **Dou** que a melhor atitude foi esta (GOOGLE)

A forma linguística em análise nos permite construir um cenário em que alguém esteja diante de uma situação em que tenha que apreciar uma atitude ou comportamento de um determinado ser. Diante de um cenário como esse, a pessoa que emitirá uma apreciação usará o verbo “DAR” no sentido de julgar, de entender. Desse modo, poderíamos dizer: (C) Julgo / entendo que a melhor atitude foi esta. Portanto, mais uma vez, vemos o sentido sendo construído, reformulado, não cabendo um valor fixo preexistente e já estabilizado na língua na formulação de sentido do enunciado analisado.

(D) O suor que eliminamos pelos poros é constituído basicamente por água e alguns sais que não se decompõem. Por isso, praticamente não **dá** nenhum cheiro. (GOOGLE)

O verbo “dar”, no enunciado acima, apresenta o sentido de que algo não é emitido, não é exalado. O sentido da forma “dar”, no cotexto, não é encontrado em dicionários da língua portuguesa, já que nenhuma das acepções já estabilizadas cabe no lugar de “dá” posto no

enunciado analisado. Isso evidencia o que a Teoria da Operações Enunciativas advoga: o sentido não é dado, o sentido é construído, e a formulação e reformulação de valor da forma se dá via enunciado. Analisemos esta ocorrência:

(E) A combinação química entre os átomos de nitrogênio e oxigênio, na proporção de um átomo de nitrogênio para três de oxigênio, **dá** uma importante espécie química iônica, chamada de **nitrato**. (GOOGLE)

Ao analisarmos a forma linguística “DÁ” na ocorrência (E), o verbo assume um valor diferente do que se vê nos dicionários e nas gramáticas normativas da língua portuguesa. Esse verbo dentro do cotexto analisado, nos possibilita criar uma situação em que em um dado laboratório em que se esteja fazendo uma combinação de elementos químicos, pesquisadores descubrem um outro elemento. Portanto, o valor dado ao verbo “dar” está interligado à ideia de resultado. Ou seja, a combinação de dois elementos resulta em um novo elemento. Assim, vemos que a forma assume valor/sentido dentro do ambiente textual, por isso não temos como fixar um valor unívoco a um dado elemento linguístico.

Em cada um dos enunciados analisados, neste trabalho, a unidade “DAR” apresenta diferentes sentidos em decorrência da interação que há entre as formas linguísticas nos enunciados e os cotextos nos quais essas formas estão inseridas. Desse modo, concordamos com Romero (2010), quando a autora, ao estudar as ocorrências do verbo ‘quebrar’, defende a integração entre as unidades de enunciado para que possamos construir o sentido de uma forma linguística.

8 FORMA ESQUEMÁTICA A PARTIR DAS OCORRÊNCIAS DO VERBO ‘DAR’

Tomando por base as análises que fizemos de enunciados com o verbo ‘DAR’, propomos a seguinte hipótese de Forma Esquemática:

Dado um agentivo (Z) que pratica uma ação sobre um elemento efetuado (W), temos que DAR induz (Z) a se concretizar como agente de uma realização sobre (W), bem como conduz (W) a ser um elemento efetuado de (Z).

Ao retomarmos como exemplo “O médico deu a receita”, enunciado analisado anteriormente neste trabalho, vemos que a expressão “O médico” realiza uma ação sobre o resultado (W), portanto, temos que “O médico” é o agentivo (Z) nesse enunciado. E o argumento

“a receita” institui-se como elemento efetuado (W), uma vez que essa expressão é o resultado da realização praticada pelo agentivo (Z). Desse modo, podemos afirmar que o que há em comum, em todas as ocorrências analisadas, é o fato de que uma realização será praticada por unidade linguística sobre outra. Assim, uma das unidades de uma dada sequência linguística será o agentivo (Z) e outra unidade será o elemento efetuado (W).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências da unidade linguística “DAR” nos fizeram perceber que os sentidos já atribuídos não são fixos, como determinam os dicionários e as gramáticas tradicionais. Isso se dá pelo fato de que os valores das formas linguísticas não são algo dado a priori, já que o sentido é construído no ambiente textual. Dessa forma, conforme defende a T.O.P.E, o sentido é, ao mesmo tempo, estável e instável, tendo em vista que é, no enunciado, onde ocorre a estabilidade de um valor referencial. Conquanto, esse valor não é algo fixo, pois uma dada unidade linguística pode ter valores diferentes quando analisados no campo interno de um texto/enunciado.

Vimos a partir da análise das ocorrências que a Forma Esquemática, realizada através de uma abstração, traz algo em comum entre as ocorrências. A Forma Esquemática se estabelece pelo fato de que há, nas ocorrências, uma unidade linguística que se comporta como agentivo e outro que se comporta como paciente. E que é pelo argumento do verbo que conseguimos perceber os diferentes valores da forma estudada nos enunciados observados.

Outro ponto que podemos observar é que, assim como defende a T.O.P.E, o sentido de uma unidade linguística não é pode ser visto de forma isolada no interior de um ambiente textual, o valor é construído no contexto na relação entre os elementos que compõem a sequência linguística de um dado enunciado.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. Ed. São Paulo: IBEP, 2009.

CULIOLI, A. *Notes du Seminaire de D.E.A.* Université de Paris 7. Departement de recherches linguistiques, Poitiers, 1985.

_____. Pour une linguistique de l'énonciation. *Opérations et représentations*. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramatica do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 7a ed..2016.

FRANCKEL, Jean-Jacques. *Situation, contexte et valeur référentielle*. Pratiques, Metz, n. 129-130, p. 51-70, 2006.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne; et al. (Org. e Trad.). *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 87-101

LIMA, M. A. F. O artigo no processo de construção referencial: operações de determinação e indeterminação. *Tese de Doutorado*. UNESP - Araraquara, 1997.

_____. A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. In: LIMA, M.A.F; ALVES FILHO, F.; COSTA, C.S.S.M. (Orgs.). *Linguística e Literatura: percorrendo caminhos*. Teresina: Edufpi, 2013.

ROMERO, M.; BIASOTTO-HOLMO, M; et al. (Org. e Trad.). *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. pp. 31-55.

ROMERO, M. C. Um possível diálogo entre a teoria das operações enunciativas e a aquisição: identidade semântica e produtividade discursiva. *Alfa*. São Paulo, 54, p. 475-503, 2010.

VOGUÉ, S. *Calcul des valeurs d'un énoncé au présent*. *Travaux de linguistique* 40. Bruxelles, Duculot, 2000, p. 31-54.